

O vinho do Porto: processo de uma bestialidade inglesa

Camilo Castelo Branco

Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of O vinho do Porto: processo de uma bestialidade inglesa

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: O vinho do Porto: processo de uma bestialidade inglesa

Author: Camilo Castelo Branco

Release date: February 26, 2008 [eBook #24691]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O VINHO DO PORTO: PROCESSO DE UMA BESTIALIDADE INGLEZA ***

O vinho do Porto

Porto—Imprensa Moderna

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O vinho do Porto

PROCESSO D'UMA BESTIALIDADE INGLEZA

EXPOSIÇÃO A

THOMAZ RIBEIRO

2.^a EDIÇÃO

PORTO
LIVRARIA CHARDRON

De Lello & Irmão, Editores
1903

Propriedade absoluta dos editores

Reproducção Interdicta

A THOMAZ RIBEIRO

Como sei que o teu amor ás perfidas
trêtas e manhas da Inglaterra não é dos
mais acrizolados, venho offerecer ao teu
sorriso um SPECIMEN de bestialidade
ingleza.

Ha trinta e cinco annos que um bretão anonymo lavrou na *Westminster Review* a condemnação do vinho do Porto como deleterio e empeçonhado por acetato de chumbo e outros toxicos anglicidas. O homem, pelas rábidas violencias do estylo, parece ter redigido a calumnia depois de jantar, n'uma exaltação capitosa do tannino do alvarilhão que elle confundiu com as afflicções dos venenos metallicos. Relembra lamentosamente, com a lagrima das bebedeiras ternas, o seculo dezoito, em que o genuino licor do Porto era um repuxo de vida que irrigára a preciosa existencia de grandes personagens da Gran-Bretanha. Recorda Pitt e Dundas, Sheridan e Fox, famigerados absorventes do nosso vinho. Diz que Lord Eldon e Lord Stowel, graças infinitas ao Porto, reverdejaram e floriram em velhos; e Sir William Grant, já decrepito, bebia duas garrafas de *Porto* a cada repasto, para conservar crystallinamente a limpidez das suas faculdades mentaes e a rija musculatura de todos os seus membros já locomotores, já apprehensores, e o resto. Lamenta que Pitt, debil de compleição, com o uso immoderado d'este tonico, e em

resultado de plethoras frequentes combatidas com ammoniaco e sulfato de magnezia, vivesse dez annos menos do que viveria, se possuísse o incombustivel estomago curtido do veneravel Lord Dundas.

Succedeu, porém, ao collaborador da *Westminster Review* achar-se dyspeptico, com azias, relaxes intestinaes, eructações cloacinas, e o craneo sempre flammejante como suja poncheira, com o encephalo em combustão de cognac e casquinha de limão—isto depois de saturações copiosas dos vinhos adulterados do Porto—*uma mixordia negra*, diz elle afflicto; mas não sabe decidir de prompto se a degeneração está na raça saxonica, se no vinho portuguez. Pelo menos e provisoriamente considera-se envenenado, o bruto.

Pois o veneno que lograr infiltrar-se nas mucosas inglezas deve ter a potencia esphacelante da Agua Tufana dos Borgias. Em Inglaterra os porcos engordam na ceva do arsenico. Que fibras de raça aquella! É que a carne d'um bretão diverge muito da carnadura da restante Europa. O anthropologo Topinard observou que a mortandade nos hospitaes inglezes, em seguimento ás operações chirurgicas, era muito menor que a dos hospitaes francezes. O sabio Velpeau, consultado pela Academia de Medicina, respondeu que *la chair anglaise et la chair française n'étaient la même*. E não dá a razão da differença, por que a não sabia o grande biologo. Eu, na observancia do dictame do Espirito Santo, pela bocca do *Ecclesiastico*—«não escondas a tua sabedoria» illucidarei o snr. Velpeau. A razão, a scientifica é esta: emborcações de bebidas acidas, e mórmente de cerveja, combatem, como coadjuvantes do acido phenico, a gangrena; ora, o inglez, abeberado de cerveja, é refractario á podridão dos hospitaes. Como se vê, d'esta causal tão obvia um anthropologo é capaz de espremer assumpto para volumes recheados de coisas abstrusas sobre ethnographia, climatologia, morphologia, mezologia, o diabo.

Além da cerveja, a fibrina do porco, saturado de arsenico, entretecida na fibrina do inglez seu compatriota, faz d'elle um

Mithridates para os saes de chumbo diluidos no vinho do Porto. O inglez não póde morrer por ingestão alcoolica. Se quer suicidar-se com instrumento liquido, tem de asfixiar-se, afogar-se no tunel como o lendario Lord. Elle é immortal, absorvendo; e só póde morrer—absorvido. Estranho animal! E é senhor das aguas e das melhores garrafeiras! O destino, pela tuba sonora de Camões, disse ao inglez:

Entre no reino d'agua o rei do vinho.

(LUS. c. VI.)

Que litros de *Porto* envenenado se calculam efficazes para degenerar um bretão até á dyspepsia e ás agonias da morte?

*

N'esta conjunctura, um possuidor de legitimo *Douro* convidou o intoxicado a beber o elixir fornecido por um commerciante britannico estabelecido no Porto. O negociante fornecedor era o Forrester que desapareceu d'este alfôbre de charlatães forasteiros, de um modo tragico, ha vinte e trez annos. Logo te contarei essa catastrophe, meu amigo.

A sensação intima que o hospede recebeu nas suas entranhas foi uma novidade, uma deleitação de refrigerio em todas as membranas desde o céu da bocca até ao cego e visinhança onde elle sentia os ardores da zona torrida. Emborrachou-se como era de esperar, e seria iniquidade censurar-lh'o; mas o seu cerebro de illuminado espelhava agora as visualidades ethereas, irisadas, do americano Poë. Nem já o ventre lhe rugia como se lá tivesse uma besta-fera embetessada n'uma latrina, nem elle nauseado recorria ás titilações na glote para golphar o acetato de chumbo. O possuidor da garrafeira, para o convencer de que o salvára da morte propinada pelo vinho homicida do Porto, mostrou-lhe dois opusculos inglezes recentemente publicados. Um era de J. James Forrester, e

intitulava-se *A Word of truth Port wine*. O outro, por Whittaker, em reforço ao de Forrester, chamava-se *Strictures on a «Word of truth on Port wine»*. London, 1848.

Forrester, no seu folheto, desbaratava o valor do vinho do Porto, increpando os lavradores de não differençarem, no fabrico, as temperaturas humida, fria, secca e quente; que empregavam promiscuamente toda a casta de uva, adulterando-a com ingredientes adequados ao paladar inglez, mas corrosivos. Na operação do lagar, accusa o lavrador de retardar a fermentação, vasando em cada pipa de môsto entre dose e vinte e quatro gallões de agua-ardente. Que, passados dois mezes, a mixordia era córada com baga, mediante uns saccos de linhagem que espremiavam sobre o vinho, e depois atiravam o residuo ao tunel. Em seguida, novo despejo de agua-ardente, e dois mezes de descanso. Esta beberagem enviada para o Porto era novamente «beneficiada» com o veneno alcoolico; e, nove mezes depois, ao sahir para Inglaterra, como golpe de misericordia, nova infusão. De modo que o vinho entrava no estomago inconsciente do Reino-Unido á razão de vinte e seis gallões de agua-ardente por pipa. Depois, descreve o que seja geropiga, e como ella entra n'estes horrendos mysterios da Brinvilliers. Esta geropiga, como logo direi, fermentou a bestialidade ingleza que passou victoriosamente na Europa em 1849.

Rematada a lista das falsificações, fraudes e ladroeiras dos lavradores e negociantes portuguezes, Forrester exclama: «Quem assim deteriora o vinho é, a meu vêr, mais criminoso que um ladrão vulgar»; e conclue o seu opusculo n'estes termos: «Os consummidores inglezes devem dar a Portugal uma lição prática, demonstrando que, se a esse paiz convém desfazer-se da sua agua-ardente, que não é nos vinhos do Porto que nos deve impingil-a; por que nós, em Inglaterra, podemos comprar baga e melaço por preços muito mais em conta do que Portugal nos incampa o seu licor de que esses ingredientes formam o principal.»

Parecia natural e patriota coisa que os negociantes e agricultores de vinho accusassem este detrahidor á animadversão publica, e que a imprensa do baluarte da liberdade o cobrisse de injurias, e algum viticultor mal humorado de bengaladas. Não, meu querido Thomaz Ribeiro. A sua casa luxuosa na Ramada-Alta era o confluente dos próceres portuenses e da provincia vinicola. Titulares, desembargadores-conselheiros, ministros de estado honorarios, os maiores proprietarios do Douro, e poetas arcadicos de pacotilha, que faziam dithyrambos ao jantar:

Evohé.

Padre Lyêo!

Sabohé,

Grão Bassarêo!

Ainda se usavam, na bonacheira dos velhos, estas rancidas semsaborias remoçadas por uma copiosa tintura de bastardo.

Ali concorria o desembargador Fortunato Leite cheirando os vinhos que já não podia deglutir e arrotando pelo nariz sobre os calices. Ao pé d'elle estava o visconde de Veiros, o Mello das Aguas-ferreas, expondo a dois morgados de Riba-Douro a sua erudição em genealogia, uma sciencia em que se distinguem muitos parvos, se tem memoria. O ministro de estado honorario, João Elias, alambasava-se em pudding que comia com a faca. O Affonso Botelho, de Passos, d'uma *gentilhommerie* transmontana, paparrêta, rorejando as phrases e os circumstantes com uma salivação caudal expedida d'entre os dentes illegitimos, como do crivo de um borrifador. Elle chamára patife a Forrester em 1845, no *Periodico dos Pobres*, e acclamava-o então nos brindes o anjo tutelar do Douro que lhe comprava as colheitas a elle Affonso. Avultava o velho Manoel Browne, dominando a vozeria com as suas gargalhadas estridentes e honradas. O typico Gonçalo de Barros, a correcção no despejo, negociante de vinho, de casamentos proprios e alheios, de tudo que é negociavel, com mais farças e melodramas

e tragedias na sua vida que o Archivo do extincto theatro do Salitre; insinuando-se com incomparaveis negações de artista nos corações dos amigos e sahindo pelas algibeiras quando achava estas avenidas aéreas de mais e metalisadas de menos. Elle foi, não obstante, um tracista infausto, por haver nascido em um meio estreito de mais para o largo bracejar das suas faculdades mercantis. Seria o mais sagaz negociante encyclopedico da monarchia, se os seus parceiros em veniagas não fossem tambem os negociantes mais sagazes da mesma monarchia, todos conjurados em desabarem do seu legendario ponto d'alta honra a Praça do Porto. E a Praça sempre impavida em meio do fracassar das ruinas, como o homem justo de Horacio, metaphoricamente fallando—*Impavidum*, etc. Via-se o Eduardo Moser, então visconde embrionario, a esperteza do alho e a finura do coral feita homem; manancial de salvaterios commerciaes, agricolas, industriaes, esterilizados pela inveja e pela ignorancia dos seus auditorios; raro dom prelucido de profecia, mas condemnado, como Cassandra, a não ser acreditado. Seria capaz de inventar a Methaphysica commercial, levando á transcendencia o phenomeno do Cambio. Usa do telescopio de Herschell para vêr o Porto nas dimensões da Philadelfia. Às vezes, cuida que vai scismando em emprezas arrojadas ao longo de *Regent Street*, e encontra-se na rua dos Caldeireiros entre uma loja de funis e uma tenda de tamancos. Vive miraculosamente no meio dos seus collegas da rua dos Ingleses e Cima do Muro como Daniel no fôjo dos leões. De resto, com uma estatura franzina, e menos de mediana, tem um temperamento de dynamite. Quando lhe é forçoso cascar um sôco em um homem alto (e eu já vi) cresce um covado pela medida velha. Tem a elasticidade do Relatorio e do *boxing*. Produz uns Relatorios colossaes que, se lhe puxassem tanto pelo corpo como pelo espirito, s. exc.^a seria o visconde mais corpulento da sua freguezia. Não obstante, e fallando por figura, elle hade ser sempre o gigante do Relatorio correcto, que fará alguma vez impacientar o ouvinte futilmente leviano, mas nunca fará gemer a Razão filha de Deus, nem a Grammatica filha do Lobato.

Conflua a todos os jantares assignalados o arcediago Cunha Reis, um velho palaciano de Braga, adiposo, apesar de ressecado interiormente por diversas ingratas materialistas que elle idolatrava com psychologismo incomprehendido, mas consentaneo á sua idade séria. Sentindo-se fatigado e algido da viagem por sobre o deserto glacial da velhice, foi ao convento da Falperra, onde morava um egresso, fez confissão geral e deixou o coração penitente aos pés da Virgem. Depois, renunciando o coração, nenhum esteio amparador do gosto de viver lhe ficou. Fechou-se no seu quarto, e, sósinho, morreu de uma congestão de saudade da sua juventude que fôra um manso idyllio de Gessner com ligeiras intermittencias febrís de Saint-Preux. Este adoravel cavalleiro-professo chamava-me filho; e, se ouvia fallar de amores, chorava, dissimulando as lagrimas com um sorriso ironico da sua fragilidade serôdia.

Era certo o João Nogueira Gandra que recitava sonetos de improviso com quinze dias de lima e de contagem pelos dedos, sob a torrente da inspiração. O visconde d'Azevedo lia poemas de sua lavra engenhosa em fôrma graphica de copos e garrafas, cheias de versos de varios metros e de larachas honestas. O Lopes de Vasconcellos, um gordo, governador civil, ouvindo os poemas bacchicos, dava na barriga palmadas sonoras, intelligentes, rindo muito, e—que a poesia era aquillo, uma coisa com pilheria, porque versos de choradeira não os podia tragar,—affirmava, alludindo ao episodio da Ignez de Castro, do Camões, recitado por João Thomaz Quillinan com uma sentimentalidade plangente e languida, toda feita de moscatel de 1830. Em cavaqueira sábia e transcendente, o abbade de Macieira, pregador régio, um Massillon á altura do paiz, concordando com o theologista visconde de Azevedo, asseverava que Virgilio prophetisára o advento do divino Messias; e os dois, com as pitadas engatilhadas aos narizes rubros, recitavam alternadamente, com emphase:

VISCONDE

*Ultima Cummoëi venit jam carminis setas
Magnus ab integro sæclorum nascitur ordo.*

ABBADE

*Jam nova progenies cœlo dimititur alto
Tu modo nascenti puero...*

O Quillinan, um atheu esclarecido, escutava-os; e, sublinhando o sorriso heretico, perguntava se o *nascenti puero* virgiliano não seria o filho de Asinio Pollião, herdeiro de Augusto, protector do poeta da Eneida. Os theologos affirmavam que não, sibilando o seu meio-grosso, reserva do mestre da fabrica.

Concorriam tambem os irmãos do D. Jeronymo bispo do Porto, dois velhos casquilhos, vegetalisados em dois pimentões ao *toast*, sempre á cata d'umas Suzanas pouco ariscas, Suzanas da barçaça do João Coelho a 8 vinténs por banho—e mordiscavam com as suas dentaduras de gutta-percha varios pomos sorvados e nada prohibidos. Fallavam de amores sardanapalescos com o medico Assis, um frascario de muita experiencia que lhes recommendava bifes na grelha e parcimonia, sopas de vinho com canella e alguma pudicicia. Eram a justificação de Lafontaine:

*...dans les mouvements de leurs tendres ardeurs,
Les bêtes ne sont pas si bêtes que l'on pense.*

Era tambem infallivel nos lautos banquetes do Forrester o Custodio Pinheiro, visconde de Villa Verde, a contar ao João Elias que a sua esposa, cosinhava uns ricos *fósferinhos* (fofinhos) para o chá; mas que elle já não podia cear senão chá preto com *fateias*. Defronte, o visconde de Alpendurada, presidente da camara, promettia a um jornalista, se os eleitores o conservassem á testa do municipio, dotar o Porto com o embellesamento das latrinas *theodoras* (inodoras). Um folhetinista d'aquelle tempo, o creador do espirito nas gazetas portuenses, Evaristo Basto, dizia-lhe que seria melhor, em vez de dotar o Porto com latrinas theodoras, o embellesasse antes com algumas donzellas do mesmo nome. Estes dois

viscondes, aliás bons homens e creadores de linhagens de boa medrança, vão já tão longe que, quando me lembram, chego a confundil-os com os primordios das castas nobres, tal qual como se elles, senhores feudaes, tivessem ido á conquista do santo sepulchro com os Godofredos e os Tancredos.

Elles, emfim, riam-se uns dos outros, e o José Borges, hoje visconde do seu Castello, ria-se de todos com um sorriso solertemente cortezão.

O Forrester, muito fôfo e empantufado, com as suas fanfarronias *poseuses*, marrafa frizada e gravata branca assás conhecida, e mais os bofes anilados da camisa, nas illustrações da burguezia dos romances de Dickens, batia no peito enchumassado e na testa com as pontas dos dedos; e, com a cara açafroada em arreboes do Paraizo e das adegas do Pinhão, apontava, soluçante, para uma primorosa tela de Roquemont—o retrato de sua defunta esposa que o contemplava do céu em moldura de talha dourada; e elle amava tanto aquella vera effigie, testemunha de suas lagrimas, que a trocou, e mais outros bonecos de barro por vinhos de Antonio Bernardo Ferreira. Bem bom negocio para o inglez—está claro.

Ora estes commensaes de Forrester, quasi todos vinhateiros, ignoravam, excepto dous ou trez, a lingua ingleza e desconheciam portanto o descredito com que o amphitrião mareára os seus vinhos no mercado de Londres; mas o governo, que possuia idiomas como um Calepino, pegou de uma corôa de barão e pôl-a na cabeça de J. James—*barão de Forrester*. E, se não morre tão cedo, e faz nova edição das calumnias contra a mais rica e ameaçada industria portugueza—uma segunda edição peorada e mais incorrecta—o governo luso fazia-o visconde, não é verdade? A pergunta não é feita ao ministro do reino de 1883: é ao Thomaz Ribeiro que em 1849 entrava na adolescencia.¹

*

Para corroborar o Forrester e açular as iras contra o vinho do Porto, o outro pamphletista, Whittaker, invoca a opinião unanime dos

medicos inglezes que reputam o vinho procedente de Portugal uma peste para o estomago e para o figado; por quanto o summo da uva é quasi uma idea abstracta na moxinifada de aguardente, baga, melaço e *jeropiga*. Elle não escreve sem desculpavel horror a palavra JEROPIGA.

Porquê? Vaes agora entrar no segredo da bestialidade ingleza, meu amigo.

Foi assim.

James Forrester, tão respeitador dos vinhos portuguezes como da nossa orthographia, tinha escripto «Jeropiga» com J. Parece que d'esta bagatella não devia surdir grande equivoco na percepção do pensamento; porém, succede que a palavra com G ou com J dá duas significações de coisas e serventias, e entradas e sahidas muito diversas. Whittaker, para saber radicalmente o que era *Jeropiga*, abriu o *Diccionario portuguez* de Constancio, e encontrou: JEROPIGA, *Ajuda, clyster, bebida medicinal*.

Tremulo de indignação e livido de nôjo, brada o inglez: «Esta ultima expressão (*bebida medicinal*) é o mesmo que *mézinha*; quanto ás duas primeiras (*ajuda, clyster*) são a mesma coisa, tem o mesmo sentido, e dispenso-me de as traduzir. Que *bellas* coisas a gente bebe!»

Ó Thomaz Ribeiro, quem não sentiria vontade de mandar o inglez beber outras?

Mas o peor da passagem foi que a droga do clyster diluida no vinho do Porto fez abalo intestinal no mercado de Londres. Raro seria o consummidor de vinhos portuguezes que não levasse as mãos convulsas á região hypogastrica, com ptyalismo e vomitos. O artigo foi logo trasladado a francez, em Bruxellas, na *Revue Britannique ou choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne* (1849). Em Paris foi commentada desabridamente, com chalaças, a porca e pelintra fraude lusitana em um artigo da *Revue Œnologique*. Portugal, á conta do execravel

jota de Sir James Forrester, foi considerado um paiz de immunda selvageria que, ministrando clysteres pela bocca, tornava communs de duas entradas as suas mézinhas. Triste!

A honra e a limpeza de Portugal seriam desaffrontadas, se Forrester, Whittaker e os seus traductores ignaros procurassem *Geropiga*, com G, no Constancio ou no Moraes, JEROPIGA (esclarece o segundo), *liquor feito de mosto de vinho, sobrecarregado de aguardente, que se usa no Douro para tempero de vinhos*. E accrescenta: JEROPIGA, *differe*.

*

O aleivoso clyster que, provavelmente, ainda hoje traz impressionados e receosos os espiritos e os baixos ventres dos nossos fieis alliados, conspurca bastante a memoria do barão de Forrester. Foi este inglez quem, empunhando a seringa da calumnia involuntaria por insufficiencia de orthographia, deu essa antecipada ajuda ao sinistro destino que já então vaticinava a catastrophe do paiz vinicola. Avoluma-se, porém, o delicto do barão quando é notorio que elle deixou correr o aleive bestial do seu patricio, e não acudiu a corrigir o erro e as sujas consequencias e derivações que Sir Whittaker tirou do drastico *jota*. Se elle fôsse um ignorante honesto, sahiria a protestar que a geropiga, não sendo clyster alimentario, nem medicamentoso, nem narcotico, nem laxante, nunca tentou usurpar as virtudes emolientes e diluentes das malvas, nem do laudano de Sydenham, e muito menos da jalapa e da mamona. Quanto ao mechanismo de ingerir a geropiga no corpo humano, deveria ter explicado que funciona por meio de taça, calice, copo, garrafa, pichel, cabaça, cangirão, caneca, e tambem borracha, mas sem canudo recto ou curvo; e, para destruir pela raiz a calumnia, deveria jurar pela sua honra que nenhum portuguez, quando absorve geropiga, faz uso do Clyso-bomba de Darbo, ou do irrigador Eguisier; sendo certo que, na ingestão de tal liquido, se dá sempre a completa ausencia de canudos, bombas, torneiras, embolos e engrenagens que desandam e esguicham. A geropiga bebe-se, engole-se, escorripicha-se; mas não se seringa jámais.

Que o saiba a Inglaterra. A não ser na perfida Albion, em parte alguma do velho e novo mundo o vinho do Porto incutiu suspeitas de penetrar nas entranhas humanas por um impulso ascensional, com intenções dissolventes ou refrigerantes. Os nossos irmãos transatlânticos, afeiçoados patrioticamente ao vinho do Porto, jámais o infiltraram na sua economia íntima sob a *hypothese pharmaceutica* de que elle contenha anda-açu, cayapó, tayuyá ou a purga de João Paes.

Nicolau Tolentino, no soneto realista dedicado á conjugida Isabel Clesse,—soneto pouco digno de entrar no seio das famílias, e quasi indecente como obra de mestre de Rhetorica—deixou, em dois versos, bem definido o methodo de matar clystermente:

*Que novo invento é este de impiedade
Que extirpar gente vem pela trazeira!*

Elle, como se vê, designa com rigor topographicamente anatomico a parte vulneravel. Essa inversão do processo homicida, isto é, o clyster bebido, apenas seria explicavel e até plausivel, se os catholicos lavradores do Douro, quando punham no vinho a substancia irritante da ajuda, tivessem d'ôlho acabar com os hereges inglezes, seguindo o conselho do poeta no mesmo soneto:

*Se tens desejos d'estas obras pias,
Vae fazer aos hereges esta esmola,
Serás a extirpação das heresias!*

Se Forrester, consultando este expositor, e mais o *Diccionario* sobre *Geropiga*, e as praticas desobstruentes dos esponjosos desembargadores avinhados seus comensaes, houvesse atirado aos quatro ventos da Europa estas leaes explicações, teria lubricado o ventre da sua alma perante a justiça divina com esse mesmo clyster que lhe peorou as condições excrementiciaes.

*

A morte desastrosa do barão de Forrester, em 12 de maio de 1861, é uma das mais notáveis vinganças que o rio Douro tem exercido sobre os detractores dos seus vinhos. A família Ferreirinha da Regoa, composta de D. Antonia Adelaide, de seu marido Silva Torres, o millionario, digno de o ser pela bizzarria das suas generosidades, de sua filha e genro, condes da Azambuja, tinham ido, rio acima, á sua celebrada quinta do Vesuvio, e convidaram o barão de Forrester a passar uma semana em sua companhia. No dia 12, um alegre domingo, sahiram todos do Vesuvio, na intenção de jantarem na Regoa. O Douro tinha engrossado com a chuva de dois dias, e a rapidez da corrente era caudalosa. Aproximando ao ponto do *Cachão*, formidável sorvedouro em que a onda referve e redemoinha vertiginosamente, o barco fez um corcovo, estalou, abriu de golpe e mergulhou no declive da catadupa. O barão soffrêra a pancada do mastro quando se lançava á corrente, nadando. Ainda fez algum esforço por apégar á margem; mas, fatigado de bracejar no têzo da corrente ou aturdido pelo golpe, estrebuchou alguns segundos de agonia e desapareceu. Salvaram-se os outros, não todos, com a protecção de uns barcos que ahi estavam para recolher o despojo de outro naufragio de um transporte de cereaes. Livrou-se Torres, o futuro par do reino, agarrado a um barril de azeite, até que o recolheram a um dos barcos. D. Antonia e o conde de Azambuja aferraram-se ás dragas do barco. A condessa foi salva por um marinheiro. Um juiz de direito, Aragão Mascarenhas, agarrou-se á vâra do barco rijamente, qual o temos sempre visto filado á vara da Justiça, em naufragio de trapanças. Mas nem todos sahiram com vida. Um creado de Torres foi logo tragado pela cachoeira; e, abraçada com a vella, já quando se lhe estendia um braço redemptor, afogou-se uma creatura a quem os noticiarios não deram a minima importancia.

Pois foi uma pêrda insubstituível. Era a Gertrudes, um thesouro de joias culinarias que a voragem enguliu. Foi esta mulher uma alma transmigrada das refinadas civilisações pagans, a metempsychose de algum genio do lar que presidira ás ucharias da Roma dos Cezares.

Foi a cozinheira primacial do Porto, onde residia. Tinha sido chamada por D. Antonia Ferreira para dirigir os jantares dados ao barão de Forrester, no Vesuvio.

Ali acabou. O rôlo de uma onda regeitou-a morta contra um lapêdo carcomido de cavernas sonoras a gottejar o lodo da babugem.

*

Devo a esta creatura o gaudio ineffavel de me sentir viver nas palpitações de uma felicidade edenica desde os vinte e tres annos de idade até esta decrepitude verdejante de bucolicos musgos. Mal me lembra que pequeno serviço eu fizera ao marido d'ella, um bravo e envelhecido alferes de veteranos que se reformára em 1835 por impedido de servir, crivado de ferimentos graves em algumas batalhas do cêrco. Agora me recordo: o alferes estava servindo em um dos antigos telegrafos de paineis, no pincaro de qualquer serra muito agreste, e gemia o seu rheumatismo seis mezes e saudades da mulher o resto do anno. Consegui que o deixassem viver com a sua Gertrudes, que o não acompanhára ás solidões dos telegrafos de taboinhas por não prescindir do grande estipendio como directora de cozinha nas lautas Lupercaes politicas, por esse tempo, frequentes no Porto.

Comia-se então muitissimo no Baluarte por excellencia. Ministro ou general que chegasse a fazer ou desfazer revoltas, cabecilha eleitoral que viesse arregimentar as suas hostes, enchendo-lhes a consciencia de liberalismo e carneiro guisado com batatas, era contar com opiparas comezanas em que os cabralistas levavam enorme vantagem na profusão. Os homens de Setembro, os *patulêas*, em 1849, distinguiam-se na frugalidade. Os irmãos Passos alimentavam rusticamente os seus organismos plebeus, de Cincinnatos, endurecidos na educação do toicinho e das feculas de Bouças. Os seus correligionarios andavam ainda na aprendisagem de comer, e ameaçavam a magra meza do orçamento para praticarem. Ainda não tinha surgido de vez o Apicio de todos os paladares, o Rodrigo da Fonseca Magalhães, com as suas raposías, o qual, entendendo com Aristoteles que o homem é um animal

essencialmente politico, inaugurou o elasterio membranoso de todos os esôphagos, sob o especioso lemma de homogeneidade de principios, pela fusão de todos em uma só consciencia que vinha a ser nenhuma propriamente dita, ou o relaxamento de todas as consciencias n'um estomago commum de duas ou trez politicas. E assim conseguiu que todos os candidatos á panella do Estado esmoessem o corneo bôlo indigesto das suas *Bernardas* no largo e fundo estomago da alma, *mentis nostrae stomachum*, como disse S. Pedro Damião, profetisando a physiologia do espirito politico do seculo XIX (OPUSC. 12. c, 38. *mihi*.)

Gertrudes não tinha mãos a medir, se vinha ao Porto um ministro de obras publicas que deitasse passeio até á Foz e outro passeio até Leixões, tracejando barras com a badine nos páramos do Azul. Então, a classe argentea, uma casta que se investira no patriciado pelo jús da moeda falsa, da escravatura, do contrabando, e talvez do clyster no vinho do Porto, se esse escandalo coubesse no possivel—os philistinos, uma fidalguia com a raiz da arvore de geração na Noruega, á americana—*the codfich's aristocracy*—senhores de navios e balcões unctuosos de substancias alimenticias adulteradas, andavam á compíta, a vêr qual havia de espiritalisar mais os ventriculos encephalicos do ministro, ingerindo-lhe altas dózes de phosphoro por intermedio dos rodovalhos celebrados nos triclinios dos Cressus e Lucullos das Congostas, Rebolleira e alfurjas circumjacentes. As barras da Foz e Leixões ahi se ostentam uns primores d'arte hydrographica attestando que os ministros segregaram perfeitamente o phosphoro, o rodovalho—comeram o peixe e mais a isca. Os amphitriões, esses representam o anzol do anexim; mas, norteando a outras regiões, revelaram uma phantazia oriental, malabar, nos jogos de Bancos.

PARENTHESIS

O AUCTOR (*á parte*)

No Porto ha um grupo invulneravel de negociantes que preservam incontaminadas as tradições da probidade antiga. São esses os

mais expostos ao azar de partirem os braços, se tentarem encravar as engrenagens dissolventes. Não ha fortuna grangeada com honra que ouse atravessar sem mêdo as maltas dos salteadores que sahem ás encruzilhadas da politica, se não topam viandantes incautos nas incruzilhadas do negocio.

Se a estocada dos melindres resvalou no arnez d'esta satisfação dada aos homens de bem, fecha-se o parenthesis.

*

—Que ha de novo, madame Brillat-Savarin?

Esqueceu-me prevenir-te, Thomaz Ribeiro, de que eu chamava *madame Brillat-Savarin* á Gertrudes. Custava muito aos melindres estheticos do meu espirito caprichoso em onomastica chamar-lhe *Gertrudes*, um nome de que resa o Agiologio, é certo, mas não sôa lyricamente a orelhas classicas nem romanticas. Auctorizado com as minhas faculdades poeticamente episcopaes de chrismar, chamára-lhe *Gertruria*. Ella, porém, não comprehendendo a delicadeza do imperfeito anagramma, tomava-o como galhofa. Depois, fiz-lhe entender, que os seus talentos a nivellavam com um auctor de fama universal nas delicias do paladar, e por isso me deixasse dar-lhe a ella, feminisando-o, esse nome glorioso e novo no mais descurado ramo das artes uteis entre os portuguezes, incultos hottentotes quanto á culinaria, nutrindo-se com um *menu fort chiche*, pouco avantajado á cosinha dos epicos Affonsos que não conheceram os alimentos nervosos, e devoravam, para acerar o musculo, javalis inteiros na braza como os esquimós comem os ursos e os kangurus. E Gertrudes consentiu que eu, maridando-a espiritualmente com o immortal regalão da França, lhe chamasse *madame Brillat-Savarin*.

Contava-me ella então os jantares que dirigira, a pedido de quem e para quem, com interessantes pormenores, miudezas, bisbilhotices, ridicularias da vida intima. Dest'arte, estava eu em dia com o evolucionismo politico, com a sociologia, com a ethnographia, com as crizes catemeniaes da CARTA constitucional, com o fomento das obras publicas, especialmente barras de Leixões e Foz. Emfim, eu

sabia tudo, sem ressalva das abominações procedentes do fogão; e os deuses me são testemunhas de que eu em cento e tantos volumes de analyse de ruins costumes nunca fiz máo uso dos segredos de Gertruria, quanto a uns pasteis de lagostins e mexilhões que ella cosinhava, a pedido de varias familias, para entreterem sempre accêso o fogo da amisade—o fogo sagrado das vestaes, segundo a lei Pápia.

*

Agora te vou contar como ella me salvou aos vinte e tres annos.

Em 1849, a invasão subita de uma anemia vampirisou-me o pouco sangue desoxigenado, desfibrinado, e me poz os ossos em decomposição gelatinosa, a ponto de me deixar em uma ressecção óssea; e, se eu ia durando, é porque já me não restava carne em que se aferrasse a garra adunca da dura Parca de então, ou da «sinistra rameira» como ultimamente lhe chamam os vates.

Gertruria, desde que eu fui á cama, visitava-me a miudo no Hotel-Francez, na rua da Fabrica, um velho palacio que tinha ao rés da rua a officina e escriptorio do *Nacional*, redigido pelo professor egresso Antonio Alves Martins, Almeida e Brito, Damazio, Parada Leitão, Nogueira Soares, Evaristo Basto, Lobo Gavião, Eu tinha a meu cargo a secção das frioleiras. O meu chorado amigo bispo de Vizeu exterminára-me do districto sério do jornal, quando descobriu que os meus *artigos-de-fundo* eram commentarios perpetuos e paraphrases miguelistas ao *Rei-chegou*, escriptas *un peu à la diable*. E, na verdade, Thomaz Ribeiro, eu, áquelle tempo, sentia pelos monarchas absolutos tamanho affecto quanto é o odio que hoje professo á canalha absoluta. Um dos meus collegas do andar-nobre d'aquelle edificio de papel ordinario da Abelheira, Sebastião d'Almeida e Brito, dous annos antes, sendo ministro da Junta Suprema do Porto, quando viu a relé armada, urrando morras aos cabralistas proprietarios, enfardelou a sua bagagem para emigrar para Tuy. Alguns dos outros meus collegas nada enfardelaram, porque pouco mais tinham que estylo, um glossario de phrases redondas e polidas como bolas de strychnina contra o conde de

Thomar; alguns cabeçalhos de proclamações ao Povo chamando-lhe rei coroado de espinhos; a tragedia de Jesus, o calvario, a esponja, etc., a proposito de um patriota eximio a quem os caceteiros chamôrros amolgaram duas costellas; varios threnos gemebundos sobre a patria agonisante de Viriato, da Brites d'Aljubarrota, de João Pinto Ribeiro e Fernandes Thomaz; e, afóra isto que é de facil transporte para quem emigra, todos tinham palpitantes anhelos na carta de conselho, nas dragonas de general, na escrivaninha de direito, no baculo prelaticio, etc. Pois todos aproaram e abicaram á terra da promissão: só eu fiquei um perpetuo cultor da secção das frioleiras. Nem sequer já possuo uma e unica distincção que tinha, por que ha muitos annos se dissolveu, sem ser dissoluta, a *Philharmonica* da Rua das Hortas de que fui socio; de maneira que hade ser muito difficil provar-se perante a posteridade perplexa, a minha identidade de portuguez do seculo decimo nono por falta de um habito de Christo. Nem um habito de Christo até á data d'esta! Que este suspiro te não chegue á alma como um remorso, ó Thomaz Ribeiro, ex-ministro do reino, ex-claviculario do cofre das Graças régias! Ah! não. Eu sei que me consideras sobejamente afidalgado com as caricias das outras Graças parnasianas, filhas de Jupiter e de Venus, tres tarascas incortiçadas, flatulentas, com hystericismos senis, fistulas e dôres osteócopas, repercussões de antigas lubricidades, em saturnaes de batuques compassados por cithara e arrabil com os lascivos Aonios e Melybeus nos outeiros monasticos, nas academias, e nos natalicios das Marcias e Francelias. Sim: nós cá vamos vivendo, ellas e eu, n'um soccorro mutuo de cataplasmas de linhaça, de rapé e chás de tilia.

Tudo mais acabou. O palacio ardeu; os meus mestres e camaradas do *Nacional* morreram todos; e este arcaboço, que resta e conserva o nome que eu tinha então, devem-o á Gertrudes a litteratura nacional e as dezenas de boticas que eu tenho consummido, como um suicida recatado que não quer escandalos.

Foi assim que ella me salvou... Mas receio enfastiar-te, meu amigo, sem chegar a sensibilisar-te. O exterminio da Rhetorica foi uma calamidade para os que pretendem commover. A gente, dantes, conhecia umas figuras de eloquencia que puxavam arithmeticamente um certo numero de lagrimas das coisas, *lacrimae rerum*, aos olhos das pessoas. Se a glandula do liquido sentimento não se abria ao toque da metaphora, era seguro fender-se golpeada pela penetrante hyperbole. Hoje em dia já se não chora senão com uma ophtalmia. De mais a mais, os artistas superiores no officio de escrever, alveneis do templo da Memoria, Vitruvios e Possidonios do eterno Pantheon, com pouca argamassa de phrases, ageitavam uns rendilhados nichos de immortalidade para os seus amigos, em quanto eu, cabouqueiro de obra grossa, terei de ser enfadonhamente palavroso para esquadriar uma lousa, brunil-a, gravar-lhe um *vale* de saudade agradecida, e assentai-a sobre uma campa... Uma campa! Não a teve a pobre Gertrudes. Lá se desfez na leiva barrenta de qualquer adro desconhecido d'aquellas desoladas charnecas do Douro.

*

Assistira, um dia, Gertrudes ao meu jantar e viu que eu me confrangia enjoado pelo espectaculo repulsivo de meia franga recozida e um caldo branco em que boiavam uns olhos amarellos da enxundia do ovejado da ave. Ella cheirou de longe o caldo fumegante, e disse com engulho:

—Captiva! isto nem com fome de cão se podia tragar!

Que o medico me não deixava comer outra coisa,—balbuciei tão extenuado e offegante que me parecia despegar-se o ultimo colchete da existencia n'um esvahir de desmaio.

—Sinto-me morrer...—murmurei flebilmente.

—E morre decerto!—confirmou ella com sinistra solemnidade—morre, se não mudar de comida. Quer que eu o ponha rijo? Diga á dona da hospedaria que a sua enfermeira e cozinheira sou eu.

Não esperou resposta e sahiu. Pouco depois, voltou muito afreimada, tirou a mantilha de sarja, mudou de calçado para não fazer bulha com os tacões das botinhas, cingiu um lenço na fronte recolhendo os bandós, atou um avental de riscadinho na cintura e foi para a cozinha. Quando entrou com uma caçoula coberta, o perfume vaporado do rebordo da tampa abriu subitamente no meu olfacto uma fonte de vida, uma sensação entre espiritual e nazal, um quasi extasis, como a evidencia da immortalidade do *eu*. Arranjou a meza de leito com o talher, afofou-me as travesseirinhas nas costas angulosas, escadeadas como um pedaço de velho cancello desengonçado, a cahir das dobradiças despregadas,—e passou para uma travessa o acepipe fumegante. Eram duas mãos de boi guizadas, loiras, de uma unctuosidade oleosa que punha caricias ferozes nos dentes, e aguçava na abobada palatina as cobiças dantescas do faminto Ugolino e de um professor portuguez de instrucção primaria. Devorei uma das mãos, sopeteando no molho pedaços de pão que engulia inteiros, soffregamente, n'uma intallação.

—Poderei comer a outra mão, snr.^a Gertrudinhas? perguntei esperando em anciosa incerteza a resposta duvidosa.

—Se tem vontade, coma. Que sente lá por dentro?

—Fome, snr.^a Gertrudes, fome!

—Então coma; a natureza que lh'o pede, é por que não lhe faz mal.

E não fez. Fumei um charuto que até áquelle momento me nauzeára. Pedi café e cana de Paraty. Estive quasi a pedir as calças para me levantar.

—Nada de boticadas! intimou ella; e, pegando em dous frascos de pilulas de ferro de Blaud e de Vallet, e de meia garrafa de vinho quinado despejou tudo na primeira vasilha concava que se offereceu á sua indignação.—Fóra com a porcaria!—bradava gesticulando, com a cólera scientifica e a justiça indefectivel de um medico homeopata.

No dia seguinte deu-me de jantar troixas de recheio, bifes de presunto de Melgaço e meio melão. O medico assistente, o João Ferreira, grande clinico, veio á tarde, e poz-se a farejar.—Que lhe cheirava a melão! se eu praticára a loucura de comer melão?!—A Gertrudes acudiu á minha perplexidade:—que fôra ella quem o comêra; que eu, coitadinho, estava a caldos e aza de franga, uma desgraça!

O doutor tomou-me o pulso, e fez um gesto de satisfação tranquillizadora:—que eu estava melhor quanto ao pulso, um pouco rapido, mas regular; auscultou-me a região precordial; já mal percebeu o *ruido de folle*; porém, continuava a fariscar o melão, desconfiado, chegando o seu descompassado nariz absorvente ao meu perfido halito, quando me auscultava as arterias carotidas.

Á noite, visitou-me outro medico, interessado na minha cura duvidosa, como amigo. Era Camara Sinval, lente da Escóla Medico-Cirurgica, um que prégava, não por hypocrisia, mas por paixão desvairada da Arte dos Vieira e Bourdaloue, sermões ultramontanos empavezados de sapiencias academicas com grandes empolas de latim pagão. Nunca me receitava. Para as insomnias mandava-me lêr philosophos e poetas epicos. Disse-me que, na sua clinica, empregava primeiro as epopeas desde a *Iliada* até á *Henriqueida*; e, em ultimo recurso, os systemas philosophicos desde Platão até Victor Cousin. Que tivera—contava—um doente de insomnia rebelde que resistira singularmente ao 1.º e parte do 2.º Canto dos *Luziadas*; mas, perdidas as esperanças de anesthesia, lhe lêra duas paginas de Kant, e o enfermo ficára sopitado n'um lethargo de Epimenides. Aconselhou-me a Homeopathia, medicina inoffensiva e de vantagem para fantasistas supersticiosos. Apenas lhe achava o defeito de ter entre os seus medicamentos uma *Eufrazia* e uma *Ignacia*; por que, se tivesse tambem uma *Athanasia*, seriam as trez Parcas com pseudonymos lethaes. Entretanto, achou-me espantosamente melhor. Não acreditava. Queria saber o que eu tinha tomado. Referi-lhe a verdade—as mãos de boi, os bifes de presunto, as troixas, o melão, a Providencia, sobre tudo a Providencia na pessoa de Gertrudes.

—É uma grande clinica a Gertrudes, disse elle; mas, se ella ámanhã lhe der lampreia, congro de caldeirada, timbal de camarões ou sallada de pepino, aconselho-lhe que se abstenha. A morte pela fome e a morte pelo enfartamento andam sempre de braço dado.

—Mas, se a natureza pede...—atalhei plagiando Gertrudes.

—Nada de pantheismo. A natureza compõe-se de dois elementos em proporções desiguaes: Deus como um, e Diabo como trez. Sou manicheu. Apenas concedo ao Bem a quarta parte de acção na regedoria do universo. O Diabo é quem faz os venenos dos vegetaes e dos mineraes, o frio que gela o sangue e o calor que abraza o cerebro, e a hydrophobia, e o raio e os terremotos, e a cholera asiatica, os miasmas homicidas dos pantanos e cavernas, e, sobre todos os flagellos, o homem que, fornecendo uma pequena parte de si, uma costella, produziu essa pessima coisa—a mulher. Não se fie na natureza, e muito menos na humana, por que essa é a mais corruptivel, e a mais fetida quando apodrece de todo. Por emquanto vá comendo as mãos de vacca; mas fique por ahi que não vá metter os pés pelas mãos.

Isto, com embrechados de latim de Horacio e da Biblia, abalou-me quanto á dieta.

*

Conversemos um pouco a respeito d'este medico, meu querido Thomaz Ribeiro. Sinval era geometricamente materialista, uma razão emancipada das intercadencias pathologicas da Fé. E fazia e prérgava sermões nas egrejas catholicas. Como n'esta farça da vida é ridiculo o papel dos homens mais intelligentes! Era atheu; por que «se existisse Deus (dizia o precíto) duas das suas muitissimas perfeições seriam a Bondade e a Presciencia. Ora a *maldade* da creatura contradiz a *bondade* do creador; e a *liberdade* do homem, condemnado por causa d'ella, faz repugnancia á *presciencia* de Deus que teria creado o homem livre para o condemnar como insubordinado. Cacologia!—exclamava elle.

Mas que falta de logica! Se eu, n'um impeto de erudição entupidora, lhe citava o invicto argumento de Voltaire: «Se não existisse Deus, seria preciso inventar-o», Sinval respondia-me com Diderot: *C'est ce qu'on a fait*. E quem ficava entupido, a final, era eu, por que as minhas lettras theologicas eram uma lastima. Havia de ser hoje!... Quanto á immortalidade da alma, dizia elle que havia de esclarecer-se depois da morte. Eu não lhe replicava, por tambem me parecer esse expediente o mais acertado.

—Mas desconfio que todas as minhas trez almas são mortaes— acrescentou elle.

—Trez?!

—São trez as almas que o divino Platão me concede no *Timeu*. Dá-me uma alma immortal na cabeça, e duas almas mortaes, uma no peito, e outra na barriga, separadas pelo diaphragma.

E, com effeito, verifiquei depois que Platão, considerado por alguns SS. PP. o precursor do christianismo, dava trez almas a cada pessoa; e, nas minhas especulações physiologicas, encontrei sугeitos com as trez almas, porém todas na barriga.

Lembram-me algumas definições d'este sensualista que sabia o seu Lucrecio de cór. Definia elle a virtude *um producto artificial da politica e da vaidade*. Aqui ha bastante sensatez; mas esta definição estava dada por Mandeville e impugnada por Berkeley, seculo e meio antes de Sinval nascer.

Definição do *homem*: «O homem é um organismo servido por bons e máos instinctos, alguns mais ferozes que os das alimarias, e nenhum tão intelligente como os do castor, das formigas e das abelhas; além d'isso, tem o dom da palavra, se lh'a ensinam, e vai muito além do papagaio em glotica. Ha uma só distincção que extrema o homem de todos os outros animaes...»

—A alma—interrompi eu perspicazmente.

—Não. A mentira. O homem é o unico animal que mente.

Definição da *vida*: «É uma alternativa de assimilação e desassimilação, de secreção e excreção. *Pensamento* é o resultado de combinações chimicas.»

—Então, vida organica e vida da consciencia é tudo chimica? E o Amor tambem?

—É, e da mais grosseira e trivial, por ser a unica exercitada na retorta do boticario da aldeia. O amor do homem primitivo e selvagem era uma paixão genesica, typica, servida em todo o reino animal por órgãos identicos, histiologicamente e physiologicamente semelhantes, e a final de contas uma funcção exosmosica de um lado e endosmosica do outro, percebe você? O amor do homem actual e culto é a mesma exuberancia bruta do organismo, modificado por alguns sonetos á fêmea; porém, no fundo da Natureza, está o inalteravel *cliché*.

E eu, melancolicamente, com gestos desolados:

—Com que então, *endosmose* o amor de Beatriz, de Laura e Leonor!... oh! oh!

E elle sorridente:

—*Sensiblerie* piegas, amigo meu, as suas interjeições theatraes. Se Beatriz e as outras meninas, em vez de gerarem, por inspiração, sonetos e poemas, tivessem occasião de gerar meninos robustos—com o quê a litteratura de cabotagem teria perdido bastante—você mal poderia explicar-me transcendentemente o phenomeno psychico do amor do Dante e dos outros e de Beatriz e das outras. Nas regiões selvaticas onde o sensualismo se retoíça desenfreadamente em promiscuidade de homens e mulheres, como classifica você esse estimulo bruto da carne? É talvez o classico Cupido que desembesta do arco flechas de amor aos coiros fuscos dos australezes, hein? Vá perguntar a um cafre kuza se elle sabe o que é *amor*, e pergunte á cafrina se ella entende o que seja *pudor*...

—Perdão! o pudor é universal, particularmente nas mulheres sem excepção das raças mais atrasadas. Haja vista ás tangas...

—Ora muito obrigado pelas suas tangas...—atalhou Sinval a impulsos de riso.—O celebre viajante Cook, na sua *Primeira viagem*, conta que em Taiti as mulheres, por um refinamento de educação esmerada, quando cumprimentam alguém, exhibem aquella metade do corpo menos usual nas exposições ao ar livre.

—Quão delicadas!

—E quão pudibundas!... Ha tribus selvagens, aliás muito castiças, em cuja linguagem falta a palavra *amor*, nem mesmo conhecem o beijo, essa mimosa delicia da epiderme que os homens aprenderam dos pombos e das rolas, por que a bête humana era incapaz de inventar o beijo.

D'uma vez, resentido com aquella *litteratura de cabotagem* em que elle mentalmente me classificava, e, de mais a mais, ferido nas minhas convicções metaphisicas, sahi á liça impavidamente, e discorri por largo, e bem, com muita felicidade, provando a existencia de Deus pelo facto da minha existencia, e a divina formação do mundo pelo facto da materia bruta não se poder espontaneamente formar a si, aliás o homem, materia menos bruta, faria alguma coisa com elementos novos. Innegavelmente despenhei-o; mas elle, como o Lucifer de Milton e do Braz Martins no *Santo Antonio* ainda regougava lá do fundo do abysmo:

—Você conhece a philosophia de Xenophanes?

Fiz um gesto de cabeça affirmativamente patarata, e elle proseguiu com um riso mordazmente suspeito de que eu não sabia nada de Xenophanes.

—Xenophanes—disse Sinval solemnisando o aspeito—aos noventa e dois annos de idade lia os seus poemas didaticos de moral santa, e pedia esmola aos ouvintes para sepultar os filhos. Morreu mais de centenario estudando sempre; e, pouco antes de expirar, fez esta

profecia: «Ninguém soube, nem sabe, nem saberá nada respectivamente a Deus e á formação do mundo; e aquelle que mais egregiamente fallar d'essas coisas, será tão ignorante como os outros.» Ora você acaba de fallar egregiamente.

E retirou-se, provavelmente, confundido.

Nunca me esqueceu a opinião scientifica d'este medico a respeito do adulterio. Dizia elle com aprumo cathedratico e um sorriso rabelaiseano:—Esposa perfida e esposo trahido são effeitos necessarios e fataes de influencias celestes—coisas do Zodiaco. Uns homens, os seductores, nascem no Signo de Leão, e d'ahi vem chamarem-se *leões*; outros homens, os minotaurisados, nascem no signo de Capricornio, e d'ahi vem chamarem-se o que você sabe. É como eu penetro n'esta escura e hedionda voragem do adulterio, com o facho mathematico da Astronomia.

—Em que Signo nasceria eu?—murmurei meditabundo, ingenuamente.

E elle, com solemnidade comica:

—No Signo de *Libra* não seria por que o vejo bastante falho d'essa especie. Persuado-me que seria no de *Caranguejo*, (*Cancer*) quando leio na gazeta as suas theorias sociologicas; mas, á vista do candor donzel da sua lyra amorosa, bem póde ser que você nascesse no Signo de *Virgem* (*Virgo*). Fôsse como fôsse, faço votos amigos e sinceros por que não nascesse no de *Capricornio*, nem no de *Touro* (*Taurus*), nem no de *Carneiro* (*Aries*), por que todos tres possuem excrecencias symbolicas por onde se explica a profusão dos influenciados. Ha pontas de mais no Zodiaco, não acha?

—Sim, acho bastante sortido o Zodiaco. Parece a capital de um reino civilisado.

—Pois os legisladores não percebem d'isso nada. Estão ainda com o direito canonico da idade-média, permittindo que o trahido mate a adultera, e mandando em paz o marido adultero colhido em

flagrante delicto. E note você—exclamava Sinval n'uma irritação de consciencia revoltada—note você que a legislação christianisada da idade-média, muito cruel para as mulheres e indulgentissima para os homens, era feita sob o influxo dos concilios! Realmente as mulheres devem grandes obsequios ao christianismo, e pódem fiar-se nos prégadores e nos moralistas *rococos* dos Semanarios religiosos que, uns por ignorancia e outros por obrigação do officio, a bigodeam com a sua emancipação! A certos respeitos, não ha paiz como este nosso para ossificações de umas certas ignorancias convencionaes. Conta-se que Jesus perdoára a uma adúltera, por que entre os seus proprios discipulos e o mulherigo que a seguia escandalisado na piugada dos esbirros, não havia creatura limpa do mesmo peccado que lhe atirasse a primeira pedrada. Bem boa corja, *cela va sans dire!* Pois, quer seja facto, quer seja parabola, temos muito que deslindar entre a philosophia messianica de Christo e a religião dos christãos. O ideal humanissimamente caridoso de Jesus, quanto á fragilidade da mulher, não tem que vêr com o *Matrimonio do jesuita* Sanches e o *Livro V das Ordenações*. Logo que Jesus, immolado inutilmente á arraia-miuda da Galilêa, fechou os olhos, as adúlteras judias e as conversas ao christianismo deturpado de Paulo, continuaram a ser apedrejadas; e, rodados 1849 annos de civilisação desde a tragedia do Golgotha até á comedia da Carta-Gaioso, certo artigo do Codigo Penal, que nos rege, permite que o esposo trahido estrangule a adúltera, sem lhe dar tempo a invocar o misericordioso perdão exemplificado por Christo. Pobres mulheres! que rica emancipação!²

Este trecho de discurso não era incontestavelmente um modelo de eloquencia do pulpito catholico; mas o caso é que eu não sabia então destecer-lhe os fios do sophisma. Havia de ser hoje!... E este homem—que tinha um talento anecdotico, relampejante de remoques de Swift e de Voltaire, ironias feitas de potassa caustica, indultando com risos sarcasticos os vicios sociaes que afogam em lagrimas as suas victimas—Camara Sinval padecia no cerebro uma doença irrisoria, a monomania de prégar sermões bombasticos ácerca do S. Sacramento, que por ahi andam em um grosso volume posthumo, com um prefacio meu, ha mais de vinte annos. A prosa

de Sinval tinha a sonoridade rythmica do verso heroico. Possui impressa uma das suas orações proferidas na abertura das aulas medico-cirurgicas. Começava assim: *Tem o sanhudo leão falcadas garras, tem a timida lebre agudo ouvido, vista perspicaz a aguia generosa...* São trez hendecassyllabos arcadicos bem feitos, pomposos.

*

Voltando á minha enfermidade mortal, no dia seguinte restringi-me ao bacalháo assado muito saturado do alho estomacal. O bacalháo conquistou na moderna therapeutica das gastrodyneas, nas dyspepsias e gastrites chronicas uma reputação tonica, restaurante; quanto ao alho, esse gosa creditos de antidoto da raiva; porém, n'aquelle tempo, o reles pescado da Terra Nova era considerado comestivel apenas assimilavel a estomagos de patagões, com a potencia digestiva de ogres; e, a respeito do alho, pessoa que cheirasse a elle tinha as inquirições tiradas desde malandro até scelerado.

Como quer que seja, eu, alternando o bacalháo com as tripas de boi —as tripas, o heroico brazão do Porto—um complexo aphrodisiaco de chispe, de paio, aves, hervanços e coloráo, recuperei, ao cabo de duas semanas, forças extraordinarias e tamanhas que, n'um transporte de gratidão, levantei Gertruria e passei-a triumphalmente nos meus braços. Quando as chloroses e as anemias estão grassando nos grandes centros como doença endemica da geração nova depauperada, eu faltaria ao sagrado dever altruista, se não offerecesse este boletim sanitario aos que padecem. Que elles principiém pela mão de vacca e concluem a sua cura com tripas sortidas.

Entretanto, o doutor João Ferreira propalava a minha cura da perigosa opilação como a mais rara e inesperada da sua clinica, mediante o ferro e o vinho quinado. Tinha-me arrancado das prêzas da morte, dizia-se; e a minha engomadeira, uma devota velhinha, asseverava que fôra o martyr S. Torquato de Guimarães que a obsequiára mais uma vez, curando-me.

*

Depois, no resvalar de doze annos, as vagas aparcelladas da minha derrota em demanda do Prestes-João do Ideal, sendo piloto o marido assás conhecido de Psyche, baldearam-me a regiões inhospitas onde não podia encontrar Gertrudes. Nunca mais a vi; mas, como a saudade me estava sempre negaceando para aquelle tempo, a imagem d'ella acompanhava as minhas recordações de perdas irreparaveis, desde uns aureos sonhos de trovador que eu sonhára, até outros «sonhos» de farinha e manteiga que a Gertrudes fazia com o auxilio dos ovos. Eu sentia, a um tempo, o perfume dos anhelitos de Marilia bella e o das murcellas incomparaveis de Gertruria. A vergonhosa dualidade do coração do homem! Se não fossem as falacias metrificadas, e o lyrico, depondo o alaude, se confessasse ingenuamente em prosa, não haveria arrôbo de alma que não sahisse apelintrado pela concumitancia ignobil das caçoulas.

*

Quando li a noticia da morte de Gertrudes, e não pude duvidar que a naufragada era a minha restauradora, meditei solver a minha divida de gratidão com um artigo necrologico, por não ter sufficiente confiança na utilidade de uma missa *de requiem*, a doze vintens, vinho por conta do padre.

Eu tinha pertencido por algum tempo a uma sociedade de homens de lettras, quasi exclusivamente dedicados á especialidade «necrologias de defunctos illustres». Eramos os gatos-pingados do Baluarte. Choravamos enormes artigos bem phraseados e estrangulados de interjeições afflictas, com epigraphes em latim, sobre defunctos analphabetos que, á mingua de instrucção primaria, não poderiam na celeste mansão tomar conhecimento da nossa prosa. Andavamos tão assanhados n'esse fariscar de chacaes o cêvo litterario de carne morta que seríamos capazes de assassinar pessoas distinctas, se as indigestões, as tuberculoses, a cachexia mercurial, o escrofulismo, os figados engorgitados e a pharmacia nos não dispensassem de alimentar com sangue humano o

cannibalismo da Arte elegiaca. O presidente da sociedade era José Barbosa e Silva, um moço de grande talento, diplomata em Berlim, deputado por Vianna do Castello, sua patria. As necrologias que este adoravel rapaz estampou são as de todos os mortos seus contemporaneos, seus amigos, seus conhecidos, ou apenas amigos ou conhecidos de uns sujeitos que elle podia vir a conhecer. No torvelinho dos prazeres, que todos experimentou, José Barbosa parava de repente a olhar para o golpho que lhe sorvia um companheiro; e, como presagiava morrer aos vinte e oito annos, quando carpia os outros, ponderando a tristeza da morte, parecia chorar sobre si mesmo.

Fallecido Barbosa e Silva, o maior numero de seus amigos escriptores tomou a sério a desgraça da morte, e experimentou a impossibilidade de escrever necrologias quando a dôr é sincera e inconsolavel. Os socios da instituição carpideira já quasi todos naufragaram por essas restingas dos cemiterios. Os raros que ainda restam, sentados á ourella do rio negro, encolhidos, a tiritar na algidez de decrepitos, e de mãos inclavinhadas nos joelhos, ainda ouvem as commemorações funebres da actualidade, e por vezes rejubilam na sua jactancia senil quando se vêem plagiados n'estas fórmas da necrologia moderna:

Mais uma saudade para a terra, mais um anjo para o céu, etc.

Mais uma vida ceifada em botão pela fouce, etc.

A aza negra da impavida morte acaba de roçar as faces do nosso amigo, etc.

A sangrenta Parca acaba de cortar, etc.

A cega Atropos que tanto bate á porta do palacio como da choupana, etc.

E estes dizeres que já fôram formulas sérias, sacramentaes, e estimulo a torrentes de lagrimas, são hoje em dia uns humorismos inconscientes que despojam a morte de toda a sua respeitabilidade e circumspecção.

Pois, Thomaz Ribeiro, não pude redigir a necrologia de Gertrudes!

Tu que és sensível e conheces os arcanos da arte,—que possues illesas do golpe dos desenganos as cellulas funcçionaes das illusões queridas, (isto é—a alma incolume, com as suas 3 potencias, numeração antiga); e conservas a candura juvenil do coração, (*coração!* o musculo nutriente com aurículas e ventricolos! —relewa o archaismo provençalêsco que me faz coevo de Macias, o Enamorado), do musculo, digo, que não encaneceu em breves annos de infortunio sem treguas; e, na idade da prosa de ministro da corôa, ainda te commoves sob o impressionismo affectivo do inolvidavel poeta do D. JAYME, imaginas, porventura, que eu não pude escrever por que as dôres immensas são mudas, e os repellões da paixão turbulenta impedem que a phrase se acepilhe e pula e arredonde. Agradeço o teu conceito que ao mesmo tempo me lisongeia e adultéra; mas a razão é outra—é deploravel. Queres saber por que não escrevi a necrologia da humilde mulher que me salvou?—foi por que ella me salvou como cozinheira. Por mais combinações que fiz com as grosas de allegorias de que dispunha, por mais embrechados de figuras que os canones de Quintiliano me liberalisassem, não atinei com uma evasiva consentanea com a minha cathegoria de philaucioso casquilho em *redingotes* do Catarro e lettras amenas. Eu tinha escripto bastantes artigos funebres, catadupas de pranto sobre os esquifes de matronas várias que haviam nascido *gertrudes*, e do tamborête da cozinha avoenga se esvoaçaram nas azas da bebida fortuna para os divans bysantinos e d'ahi para os jazigos marmoreos. A penna corria-me de vontade, no fremito da inspiração, e as perolas, crystalisações do muco lacrimal, saltavam-lhe dos bicos quando a defunta levava atraz da sua podridão muitas carruagens, e era suffragada na igreja refulgente de tochas, em uma neblina de incenso, por uma berrata fanhosa e barbarêscas de levitas, com barrigas basilicaes, que decerto, se os transportassem ás missões africanas, ririam ás escancaras da algazarra que fazem os cafres á volta de um morto.

Figurou-se-me, além d'isso, que a imprensa, moderadamente democratica e cheia de conveniencias melindrosas, se

constrangeria tolerando nas suas columnas, por comprazer á minha ridícula magua, a necrologia da cozinheira Gertrudes. De mais a mais, eu não sabia como alçar o estylo prismático, de adjectivos rutilos, de modo a deslumbrar a critica soez, e a não desafiar o sorriso gaiato dos dandys pela importancia que eu dava á minha sanidade physiologica restaurada pela mão de vacca. Ser-me-hia talvez possivel equilibrar na gymnastica de locuções explosivas, victorhuguescas, onomatopaicas o interesse da morta, descrevendo o naufragio do barco rabêllo com os horrores do brigue *Mondego* ou da fragata *Medusa*. Eu conhecia umas esfusiadas pyrothechnicas de metaphoras que punham enthusiasmos furiosos na dramatologia epileptica do Theatro-Normal, volcanisando as familias incendiarias da rua dos Bacalhoeiros; e ainda agora não passam de todo despercebidas á minha pasmaceira de minhôto palerma.

Ainda cheguei a ensaiar o genero... *Os relampagos afuzilavam... O céo phosphoreava as suas lampadas sinistras para vêr a lucta do abysmo. Eram os albatrozes, n'um arquejar estridente, a pairarem na treva superior com as suas azas de fogo. As aguias do Marão, acossadas pelos bulções das cumiadas, acolhiam-se ás concavidades da serra, e passavam grasnando o threno da desolação por sobre o paroxismo dos naufragos. Zuniam furacões assobiando pelas espaldas angulosas dos penhascaes... A tripulação, n'um clamor de agonias, a bradar «misericordia!»... O baixel arfava no dorso do vagalhão, ou, cuspidô ás nuvens, resvalava na voragem onde as pranchas descosidas ringiam asperrrrrrrimamente. (Onomatopeia)... Castellos de nuvens atras desabavam n'um estrallejar de ribombos; o escarceu verde-bronze, topetando com o ether zebrado de coriscos, baqueava-se depois n'um marulhar de espumas rugidoras... O cahos de cima a descer, a descer com a mortalha de treva sobre o abysmo que subia, subia n'uma ressonancia de maldições ao FIAT, creador das sevas angustias ineluctaveis do homem. E o naufrago cravava olhos piedosos no céo; e via listrarem-se as centelhas dos raios, como se os Titans revolucionados arrojasse á cara de Jupiter as escumalhas igneas das suas forjas. E o barão de Forrester, ao portaló, hirto, impavido como Nelson no Trafalgar..., etc. Tudo isto e o*

resto me sahiu ao pintar, e exacto como uma photographia, na descripção de um desastre de barco de pipas ido a pique entre dois calhãos do Douro; mas, a final, o que eu não sabia era diluir em synonymias e paraphrases coherentes com a tremenda catastrophe o qualificativo «cozinheira». Ainda se Gertrudes, filha de um desembargador miguelista ou d'um brigadeiro capitulado em Evora-Monte, com alguns appellidos historicos, houvesse descido as escaleiras da necessidade, sem deslize da honra, até á baixeza do seu officio, talvez que eu ousasse arcar com a necrologia, apostrophando o flagello da guerra civil que acorrentou á grilheta do fogão e da bateria de panellas aquella mulher nascida para rastolhar, sobre tapetes, *moires* crepitosas, laminadas de brilhos metalicos ondulantes, e para saltar com tregeitos desenvoltos, n'um derrengue arregaçado e esquadrihado de *écuyère*, da estribeira do *landeau*, armorejado de paquifes arrogantes e escudos e timbres com passaros prehistoricos e hydras assanhadas, á porta das modistas;—para reinar, emfim, nos theatros, no turbilhão dos bailes, nos balcões dos bazares philanthropicos, na Caridade-*Flirtation*, e talvez no *sport* e no *turf*. Mas Gertrudes não tinha appellidos: era miseravelmente *Gertrudes Engracia*, d'um plebeismo razo, filha da Engracia, já celebre cozinheira dos fidalgos Mellos, casada com o Bento, cozinheiro famoso dos fidalgos Cyrnes, o qual cazára com uma cozinheira não menos distincta dos fidalgos Pamplonas. Esta genealogia, entre duas receitas de pudins de batata, encontrei-a escripta pelo pae de Gertrudes nas costas do frontispicio de um velho livro que ella me deu chamado *Alivio de tristes e consolação de queixosos*. E da mesma arvore de geração constava que seu terceiro avô materno fôra abbade de Miragaya e sua quinta avó paterna era filha de um frade loio. Estes dois clerigos propagadores, como elementos genealogicos, não me pareceram imperiosamente exuberantes de moralidade e justiça para que eu, apostrophando a execravel guerra civil, a responsabilisasse pela decahida posição servil da neta do frade e do abbade.

Aqui tens, Thomaz Ribeiro, um coração aberto pelo remorso que se offerece á disseccção do teu bisturí. Santo Agostinho, imbecilitado pela piedade, e J. J. Rousseau, desbragado pela sua dissimulada philosophia cynica, deram-me o exemplo de vir á praça com a confissão tardia de uma pusillanimidade que dá a medida da miseria humana, e particularmente dos artistas de necrologias. N'este escripto, vim justificar duas bestialidades protervas: a minha ingratição e o clyster inglez. Agora, sinto-me bem, muito desabafado. Talvez lhe deva a elle, á *jeropiga* desobstruente do Forrester, este desempacho da consciencia. Ha exemplos confirmados por aforismos de Hippocrates.

Se chegaste aqui sem fastio, és um anjo de paciencia e de problematico bom-gosto. Decerto uzurpei á patria uma hora das tuas contemplações sanitarias sobre a revisão da CARTA, que anda agora mui frequente na revista—o que me parece rasoavel, se ella, não obstante a *bigoterie* do Artigo 6.º, se tornou suspeita de virginismo insufficiente para reger um paiz pudibundo.

Seja como fôr, n'este opusculo esfervilham episodios desvairados que desatremam do assumpto e do titulo. São exuberancias que extravasam de uma grande medida cogulada de annos e de reminiscencias. O criticismo unhará o abuso do subjectivismo indisciplinado, a desorientação do abjectivo impessoal, da Arte Pura com maiusculas, finalmente—o romanêsko. Affoito-me, todavia, a esperar que os criticos práticos, tendo em vista os episodios extravagantes, afóra os gallicismos de que é capaz o seu aristocrata Tokay, usarão com o meu modesto «vinho do Porto» a sua costumada indulgencia generosa. E permitta a minha benigna estrella que os almotacés d'este folheto, quando hajam de aquecer o seu criterio no calorifico de alguma beberagem nervosa e suggestiva, prefiram o Johannisberg palaciano ao garoto Cartaxo do *José dos Caracoes*; por que, a final de contas, nem todos os criticos espiritados por vinhos canalhas tem o *humour* faiscante de Poe, de

Hoffmann, de Marlowe, de Zacharias Werner e de Bocage—uma constelação de bebados immortalmente classicos.

Ainda se não disse tudo.

N'este pedaço de litteratura da decadencia, ou decahida de todo, observe a critica escorreita que ha dois projectos: um é patente, o outro é clandestino. O primeiro é—arrazar Inglaterra; e, com effeito, arraza-se. O projecto clandestino, um tanto arteiro, é obter pelo sophisma tortuoso da lettra redonda, typo-Elzevir, o que o mercieiro alcança com o correcto syllogismo dos azeites e dos farinhaceos. O Espiritual ousa correr o pário com o Comestivel: a meta é o habito de Christo. Que o mercieiro, melindrado na sua prosapia de anthropoide, não se agaste, se eu o lanço n'estas correrias de hippodromo. Não lhe conheço outros dons que o habilitem a entrar no *sport*.

Emfim, quando voltares a ministrar os negocios do reino, Thomaz Ribeiro, não me percas d'ôlho o meu habito de Christo, merecido pela façanha heroica e pouco trivial de arrazar Inglaterra. Bem vêes que estas ambições aliás temerarias, confesso, não ultrapassam desmedidamente as balisas do meu merecimento. A almejada venera é a infima, penso eu, a mais piranga caracteristica ethnica da raça que domina esta nesga rasgada da Espanha, (que m'o releve D. JAYME)—umas noventa leguas, metade incultas; e, assim mesmo, na povoação d'essa metade, inçam e pompeiam, segundo conta o *Almanach Commercial para 1884*, cento e vinte dois condes, trezentos e quatro viscondes, e cento e noventa barões. Quanto a commendadores, quem contou as gotas do mediterraneo, as areias do Saharah e as estrellas da Via-Lactea? Ora, a respeito do habito de Christo, isso já agora, bem sabes, é uma coisa que se exporta para o estrangeiro como amostra da nossa unica industria; mas envia-se gratuitamente como os *Grands Magasins du Printemps* nos remetem de graça, francos de porte, os retalhinhos das suas fazendas.

Ah! que eu não morra nú d'esse habito! Concedam-me, na morte ao menos, essa insignia de christão em terra de moiros.

S. Miguel de Seide, abril, 20, 1884.

¹ Quando o barão de Forrester pereceu por desastre, um dos mais authorisados jornaes do paiz, escreveu sentimentalmente o seguinte: «... A morte desgraçada do snr. barão de Forrester a todos penalisava, pois o muito que aquelle illustrado cavalheiro se interessára sempre pela sorte do Douro, os bons serviços que lhe prestou com os seus escriptos... o tornaram geralmente estimado... Mostrou-se sempre muito dedicado a este paiz, e por muitas vezes associou o seu nome aos dos que mais trabalharam para os seus melhoramentos e progresso.»—*O Commercio do Porto*, de 14 de maio de 1861.

Um correspondente da Regoa para o mesmo jornal e no numero seguinte, escreveu: «É sincero o sentimento geral que produziu a noticia da morte do snr. Forrester, e são bem justas as lagrimas que se derramam por tão desastroso acontecimento. É uma divida sagrada que se paga á memoria do distincto cavalheiro que tanto se sacrificou por este paiz. Portugal e especialmente o Douro muito lhe devem... Apesar de estrangeiro era portuguez do coração por que poucos filhos d'esta patria mais fizeram por ella nem mais a amaram...»

Parece, pois, que os exemplares da diffamação do vinho do Porto eram desconhecidos em Portugal. Que fé nos hade merecer a historia e a biographia escripta por contemporaneos, quando o facto social erradamente julgado, ou a vida de um individuo favorecida pela adulação, ou deturpada pelo odio, não tiverem contradictores, tambem coevos, a contrastal-a!

² *Nota illustrativa.*—Joseph Gregorio Lopes da Camara Sinval era esturrado patulêa da Junta rebelde do Porto, e commandára com honras de coronel o batalhão academico. Além d'este predicado faccioso, Sinval tinha o exemplo do austero historiador A. Herculano, que escrevêra: *A historia do liberalismo é uma comedia de máo gosto*. E, resalvando as duas nobres personagens, D. Pedro IV e Mousinho da Silveira, accrescentára: *O resto não vale a penna da menção. São financeiros e barões, viscondes, condes e marquezes de fresca data e mesmo de velha data, commendadores, grão-cruzes e conselheiros: uma turba que grunhe, borborinha, fura, atropellando-se e acotovellando-se, na obra de roer um magro osso, chamado orçamento, e que grita aqui-d'el-rey!*

quando não póde tomar parte no regabofe. Quanto á «Carta-Gaioso» a gente velha ainda conheceu no Porto a corista d'aquelle appellido que cantou o hymno da Carta Restaurada no theatro de S. João, e desde ahi ficou identificada, a Gaioso, com o codigo das liberdades pátrias.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O VINHO DO
PORTO: PROCESSO DE UMA BESTIALIDADE INGLEZA ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org.

If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain

Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must

return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in

locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.